



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE
LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA INGLESA

RAPHAELA ABRANTES NOBREGA

UM ESTUDO SOBRE BRANQUITUDE A PARTIR DO CONTO O *GERÂNIO* DE
FLANNERY O'CONNOR

JOÃO PESSOA
2022

RAPHAELA ABRANTES NOBREGA

UM ESTUDO SOBRE BRANQUITUDE A PARTIR DO CONTO *O GERÂNIO* DE
FLANNERY O'CONNOR

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à
Coordenação do Curso de Licenciatura em
Letras, da Universidade Federal da Paraíba,
como parte dos requisitos necessários para
obtenção do título de Licenciatura em Letras -
Língua Inglesa. Orientadora: Profª. Dra.
Renata Gonçalves Gomes.

JOÃO PESSOA
2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

N754e Nobrega, Raphaela Abrantes.

Um estudo sobre sobre branquitude a partir do conto
O genânio de Flannery O'Connor / Raphaela Abrantes
Nobrega. - João Pessoa, 2022.

41 f.

Orientação: Renata Gonçalves Gomes.

TCC (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. O'Connor, Flannery. 2. Branquitude. 3. Idade. 4.
O Gerânio. I. Gomes, Renata Gonçalves. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 316.347

Elaborado por MARIA DE FATIMA HENRIQUE JORGE MAIA - CRB-
0392/CRB 15

RAPHAELA ABRANTES NOBREGA

UM ESTUDO SOBRE BRANQUITUDE A PARTIR DO CONTO *O GERÂNIO* DE
FLANNERY O'CONNOR

Trabalho de Conclusão de Curso submetido
à Coordenação do Curso de Licenciatura em
Letras, da Universidade Federal da Paraíba,
como parte dos requisitos necessários para
obtenção do título de Licenciatura em Letras
- Língua Inglesa.

APROVADO EM___ DE NOVEMBRO DE 2022

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Renata Gonçalves Gomes
Presidente da banca/Orientadora - UFPB

Prof^a. Dra. Danielle de Luna e Silva
Membro - UFPB

Prof.^a Dra. Maria Aparecida de Oliveira
Membro - UFPB

Prof. Dr. Walison Paulino de Araújo Costa
Membro Suplente - UFPB

RESUMO: Os estudos sobre raça na literatura tem sido cada vez mais importantes para entender algumas questões específicas que permeiam a sociedade, a exemplo do preconceito racial, de gênero e classe. Através desse aspecto, esse trabalho pretende analisar, estudar e discutir o conceito de branquitude a partir do conto moderno *O Gerânio* (1946) da escritora estadunidense Flannery O'Connor (1925-1964), para entender o olhar racial da escritora perante à segregação racial que havia na época. Os objetivos específicos questionam a branquitude através dos personagens, além de investigar e discutir em sede da crítica feminista interseccional aspectos relacionados à raça como branquitude, negritude, e idade. Os conceitos de branquitude, negritude e idade serão analisados de forma interseccional a partir das autoras: bell hooks na obra *Olhares Negros: raça e representação* (2019), Peggy McIntosh em *White Privilege: Unpacking the Invisible Knapsack* (1989), Grada Kilomba com *Memórias da Plantação – Episódios de Racismo Cotidiano* (2019), Ijeoma Oluo na obra *Então você quer falar sobre raça* (2018), Reni Eddo-Lodge que em seu best-seller *Por que eu não converso mais com pessoas brancas sobre raça* (2017), Cida Bento com *O Pacto de Branquitude* (2022) e *Age Matters Re-Aligning Feminist Thinking* (2013) das autoras Kathleen F. Slevin e Toni M. Calasanti. Para isso, a pesquisa é realizada de forma bibliográfica, utilizando-se de autoras supracitadas reconhecidas pela importância das pesquisas raciais e de idade, além de analisar o enredo do conto através da perspectiva da crítica feminista estadunidense. Os resultados obtidos na análise revelam os danos causados pela ausência de crítica sobre a branquitude, considerada como única e universal, qual seja a recorrência e estruturação de uma sociedade racista, além de identificação do conceito de idadismo que intersecciona e respalda atitudes de discriminação racial através do personagem principal.

Palavras-Chave: Flannery O'Connor. *O Gerânio*. Branquitude. Idade.

ABSTRACT: Studies on race in the literature have been increasingly important to understand some specific issues that permeate society, such as racial, gender and class prejudice. Through this aspect, this work intends to analyze, study and discuss the concept of whiteness from the modern short story *O Gerânio* (1946) by the American writer Flannery O'Connor (1925-1964), to understand the racial look of the writer in the face of racial segregation that there was at the time. The specific objectives question whiteness through the characters, in addition to investigating and discussing aspects related to race such as whiteness, blackness, and age in terms of intersectional feminist criticism. The concepts of whiteness, blackness, and age will be analyzed in an intersectional way by the authors: bell hooks in work *Olhares Negros: raça e representação* (2019), Peggy McIntosh in *White Privilege: Unpacking the Invisible Knapsack* (1989), Grada Kilomba with *Memórias da Plantação – Episódios de Racismo Cotidiano* (2019), Ijeoma Oluo in the work *Então você quer conversar sobre raça* (2018), Reni Eddo-Lodge who in her best seller *Por que eu não converso mais com pessoas brancas sobre raça* (2017), Cida Bento with *O Pacto de Branquitude* (2022) and *Age Matters Re-Aligning Feminist Thinking* (2013) by authors Kathleen F. Slevin e Toni M. Calasanti For this, the research is carried out in a bibliographic form, using the authors mentioned above recognized for the importance of racial and age research, in addition to analyzing the plot of the story through the perspective of American feminist criticism. The results obtained in the analysis reveal the damage caused by the lack of criticism about whiteness, considered as unique and universal, which is the recurrence and structuring of a racist society, in addition to identifying the concept of ageism that intersects and supports attitudes of racial discrimination through of the main character.

Keywords: Flannery O'Connor. The Geranium. Whiteness. Age.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. REVISÃO DA CRÍTICA FEMINISTA E ASPECTOS ESTILÍSTICOS DO CONTO	12
1.1 Fundamentos Teóricos	14
1.2 Breve aspectos estilísticos do conto	20
2. O GERÂNIO: ANÁLISE E DISCUSSÕES	23
2.1 Raça: Representações da branquitude e negritude	24
2.1.1 <i>Representações da negritude</i>	27
2.2 Aspectos interseccionais ao conceito de idadismo	32
2.3 Contraponto entre o interior e a cidade de Nova York	34
CONCLUSÃO	37
REFERÊNCIAS	40

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar as questões de raça e idade no conto moderno *O Gerânio*¹ (1946) a partir de uma perspectiva da crítica feminista interseccional da escritora estadunidense Flannery O'Connor. Inicialmente é importante registrar que esta pesquisa decorre da minha participação durante dois anos da Iniciação Científica através do Grupo de Estudos Feministas Estadunidense (GRIFES) o qual é coordenado pela orientadora deste trabalho.

Dessa forma, durante esses anos pesquisando sobre a vida e a obra de Flannery O'Connor pude descobrir um estilo literário único e que me cativou desde o início. Assim, decidi continuar e aprofundar esses conhecimentos por meio desse trabalho de conclusão de curso no qual possui os objetivos específicos de questionar a branquitude através dos personagens, além de investigar e discutir em sede da crítica feminista interseccional aspectos relacionados à raça como branquitude, negritude, gênero e idade.

Escritora branca e sulista, Flannery O'Connor (1925-1964) morou em Milledgeville (Geórgia, EUA), nos anos 1920. Durante sua vida escreveu dois romances *Sangue Sábio* (1952) e *O mundo é dos violentos* (1960) e trinta e dois contos dentre eles, *Um bom homem é difícil de encontrar* (1953), *Tudo o que sobe deve convergir* (1965) e o objeto de estudo desse trabalho *O Gerânio* (1956). Conhecida pelo seu estilo literário gótico e abrigada por uma forte ligação à Igreja Católica, sua escrita é incrível. Além disso, suas narrativas formam uma interessante combinação de temas como a violência, o grotesco, religião, raça e idade, este último bastante predominante em seus contos.

Isso não poderia ser diferente, o sul dos Estados Unidos naquela época foi tomado por disputas tensas entre negros e brancos decorrente do começo de conquistas de direitos pela população negra. A segregação racial nos Estados Unidos, principalmente na parte sul do país virou uma mácula, cuja efeitos são presenciados até hoje através do racismo e preconceito estrutural. A segregação foi baseada na discriminação racial em espaços públicos e privados e a proibição de direitos básicos para as pessoas de cor como moradia, saúde e educação; tudo isso baseado em leis que reafirmavam esse comportamento.

¹ Acesso ao inteiro teor do conto em: <https://fsgworkinprogress.com/2015/05/29/the-geranium/>

Um compilado de leis estaduais e locais determinavam legalmente a discriminação racial, um desses intitulado Leis de Jim Crow, promulgada entre os séculos XIX e XX, reforçavam a segregação entre negros e brancos. Em linhas gerais, a população branca usufruía de instalações públicas e privadas com direito de ir e vir, enquanto à população negra cabia frequentar lugares e espaços determinados pela sua cor da pele, então restaurantes, ônibus, escolas, locais de trabalho e até bebedouros públicos foram separados para uso de negros e brancos, geralmente com escritos do tipo “*colored*” ou “*no colored allowed*” para identificar os espaços ‘permitidos’ às pessoas de cor.

No início do século XX a segregação foi sendo atingida amplamente, bairros e comunidades sendo separadas para negros e brancos, alguns estados estavam em uma tentativa de acabar com as leis segregacionistas, mas a passos lentos. Quando, a partir dos anos de 1950 começaram a ocorrer movimentos entre grupos de pessoas negras contra a discriminação racial e luta pelos direitos básicos. Assim, o denominado Movimento dos Direitos Civis (1950-1960) aconteceu como um marco de enfrentamento à desigualdade racial. Esse movimento foi marcado por vários episódios de resistência, principalmente no Sul dos Estados Unidos, e um dos mais conhecidos ocorreu com a ativista negra Rosa Parks que se recusou a ceder seu lugar no assento de um ônibus para uma pessoa branca e, em consequência disso foi presa, gerando uma onda ainda maior de reivindicações a favor dos direitos da população negra e o fim da segregação racial.

A partir disso, os protestos foram se intensificando, e figuras importantes para a luta antissegregacionista como Martin Luther King Jr. foram essenciais para a resistência e conquista de direitos para as pessoas de cor. Movimentos como esse surgem até hoje com o intuito de reafirmar a condição e os direitos das pessoas negras. Ainda existem diferenças alarmantes entre negros e brancos no tocante a oportunidade de empregos, educação, saúde e qualidade de vida, e dessa forma, é importante analisar e discutir o cerne desse preconceito: o ser branco, universal, não criticado.

Dessa forma, estudar, pesquisar e discutir a obra de O’Connor é entender para além da sua escrita minuciosa e poética, os acontecimentos que permeavam os anos 1960 e as tensões raciais envolvidas e que repercutem até hoje, além de estudar o olhar de uma escritora branca para com a segregação racial, um dos principais temas refletidos em seus trabalhos.

Publicado originalmente em 1946, *O Gerânio* é um dos contos canônicos de Flannery O'Connor. A narrativa se passa na cidade de Nova York onde o personagem principal - o velho Dudley - foi morar com sua filha após o falecimento da sua esposa. Este relembra muitos momentos do seu passado, a sua fazenda no interior, dos gerânios que nasciam naquela terra, da pensão que servia de lar e do "amigo" Rabie. Ao mudar-se para a metrópole sentia muita solidão, e já com idade avançada sentia-se constrangido de estar incomodando sua filha, além disso a cidade não era como ele havia imaginado; muito barulho, muitos carros e apartamentos que tinham as mesmas cores sem vida. O único objeto que o fazia lembrar - com saudosismo - o passado era um gerânio que era colocado todos os dias pela manhã na janela do vizinho. No entanto, o que parecia ser somente uma lembrança do passado, torna-se uma intolerância racial quando descobre que um negro mora no apartamento ao lado.

A partir disso, a narrativa de O'Connor nos conduz, cirurgicamente, a conhecer a faceta de preconceito característico do personagem principal. Analisaremos como a construção dos personagens e da narrativa se entrelaçam a fim de questionar a branquitude e como essa identidade racial contribui para a manutenção do sistema opressor branco. Além disso irei investigar a relação entre raça e idade conceituando o termo idadismo como fonte de estudo interseccional, importante para entendermos essa relação presente-passado-futuro do personagem velho Dudley e como esse *status quo* da velhice contribui para as atitudes do personagem.

A pesquisa será realizada de forma, predominantemente, bibliográfica na qual serão utilizados textos e obras de autoras que discutem os conceitos-chave base desse trabalho, por exemplo, Grada Kilomba (*Memórias da Plantação*, 2019), Ijeoma Oluo (*Então você quer conversar sobre raça*, 1980) e Reni Eddo-Lodge (*Por que eu não converso mais com pessoas brancas sobre raça*, 2017) e bell hooks (*Olhares negros: Raça e representação*, 1992) em suas respectivas obras discutem raça e racismo cotidiano. Ao analisar o conceito da branquitude e seus desdobramentos serão utilizadas as obras das escritoras Peggy McIntosh (*White Privilege: Unpacking the Invisible Knapsack* -1989), e da psicóloga Maria Aparecida da Silva Bento com sua obra *O pacto da Branquitude* (2022). Além disso, será analisado o conceito de idadismo por meio da obra *Age Matters - Realigning Feminist Thinking* das autoras Toni M. Calasanti e Kathleen F. Slevin.

Nos capítulos seguintes serão analisados os conceitos predominantes de raça e idade em conjunto com o conto objeto de estudo. Isto posto, o primeiro capítulo pretende analisar esses conceitos pela perspectiva da crítica feminista estadunidense, onde serão analisados através das perspectivas interseccionais das teóricas citadas anteriormente. Além disso, nesse capítulo será discutido o gênero conto através do teórico Ricardo Piglia baseado na obra *Formas Breves* (2004), com o intuito de entender a potência e ao mesmo tempo a brevidade de temas relevantes que a (o) escritora (r) quer passar para quem ler.

No terceiro capítulo será feita a análise do conto *O Gerânio*, relacionando as principais características encontradas nos personagens e nos diálogos entre eles com a crítica feminista analisada no capítulo dois. Questões como racismo, branquitude e idade irão se misturar com os traços do personagem principal branco o velho Dudley e com os personagens negros que ele tem certo contato durante a narrativa, o ‘amigo’ Rabie e o vizinho negro. Partindo dessa perspectiva interseccional poderá concluir-se a relevância e o impacto social trazido pelo conto da Flannery O’Connor, ambientado no sul dos Estados Unidos, ao analisar o impacto da branquitude na vida da população negra ao longo dos anos.

1 REVISÃO DA CRÍTICA FEMINISTA E ASPECTOS ESTILÍSTICOS DO CONTO

A obra de Flannery O'Connor vem sendo estudada na literatura, principalmente por meio dos contos canônicos e repletos de sentidos, como 'Um Homem bom é difícil de encontrar' ("*A Good Man Is Hard to Find*" - 1953) e 'Tudo que sobe deve convergir' ("*Everything That Rises Must Converge*" - 1965), além do conto objeto de estudo deste trabalho 'O Gerânio', publicado originalmente em 1946 na revista *Accent: A Quarterly of New Literature*, que foi distribuída na Universidade de Illinois entre os anos de 1940 a 1960. Diante disso, sabemos da relevância da obra da escritora estadunidense, onde podemos abordar temas e conceitos importantes para os estudos literários de raça, classe e gênero e que repercutem atualmente em contextos mais diversos como educacional, social, trabalhista e político.

Ao discutirmos sobre raça na obra de O'Connor, podemos identificar aspectos de negritude e branquitude encontrados nos diálogos e na narrativa geral do conto. Além disso, ao relacionar esses aspectos com o período temporal no qual a autora viveu, será possível identificar os motivos da perpetuação do preconceito, da intolerância e da opressão sofrida pelas pessoas negras até os dias atuais. Contemporânea de um dos eventos mais marcantes da história estadunidense (e mundial), o Movimento dos Direitos Civis, que ocorreu em meados dos anos 1960, consagrou alguns nomes importantes para a luta antissegregacionista e antirracista como Rosa Parks (1913-2005) e Martin Luther King Jr. (1929-1968), personagens fundamentais na luta da conquista de direitos pela população negra.

Dessa forma, ao analisarmos um conto escrito e publicado nesse período, por uma escritora branca, que possui características e recortes que questionam a tensão racial vivida nessa época, é estudar a visão da branquitude para com a discriminação racial que acontecia no momento. Essa segregação racial foi agravada com as Leis Jim Crow, as quais legitimavam legalmente a discriminação entre pessoas negras e brancas. No final do século XIX, foram pautadas as leis estaduais e locais que permitiam a separação entre pessoas de cor em lugares públicos e privados, principalmente nos estados do sul do país: Alabama, Louisiana e Mississippi. A partir da legalidade segregacionista surgiram grupos extremistas que defendiam correntes reacionárias, a supremacia branca e o nacionalismo branco como a Ku Klux Klan,

que foi um movimento de extrema-direita branco que se reuniam para reforçar a segregação racial e matar, linchar e intimidar as pessoas negras nos Estados Unidos.

Marcas dessa época foram deixadas na população negra e as consequências dos tempos de terror são sentidas até hoje, asseverando o quanto é cruel e prejudicial o racismo estrutural que se perpetua na nossa sociedade através da supremacia branca. Nesse panorama, para além de analisar a identidade racial branca do personagem principal, analisaremos o conceito de branquitude para defini-lo a fim de refletir sobre a identidade racial branca e a consequente manutenção do sistema opressor branco. Ademais, iremos discutir de que forma a interseccionalidade entre raça, gênero, classe e idade constituem na forma de pensar do personagem e como este se relaciona diante de um novo momento inter-racial acontecendo naquela época nos Estados Unidos.

Com o objetivo de fundamentar os conceitos trazidos até aqui, é importante analisarmos estes pela ótica de escritoras racializadas e que questionam o papel da branquitude na estruturação do racismo. Nosso intuito foi buscar referências de análise, principalmente por autoras negras para que consigamos entender o ‘olhar da negritude para com a branquitude’ (hooks, 2019), como também é importante fazer o contraponto com as discussões trazidas por autoras brancas, pois a branquitude atinge pessoas negras e brancas de forma distinta, e observar os dois pontos de vista sobre um mesmo conceito, conseguimos construir uma análise interseccional sobre o termo.

Estudar sobre identidade racial branca é um desafio, sobretudo pelo lugar de invisibilidade que a raça branca ocupa, não sendo, portanto, nomeada, criticada ou marcada na literatura, fazendo com que seja dita como única e universal. A partir disso, torna-se essencial analisarmos o conto canônico de uma escritora branca, contemporânea de outras escritoras negras como Alice Walker, nos anos 1960 onde acontecia um dos maiores e mais importantes movimentos pelos direitos, pela igualdade e justiça da população negra.

1.1 Fundamentos Teóricos

Na obra *Olhares Negros: raça e representação* (2019), bell hooks argumenta sobre o olhar negro para com a branquitude no ensaio “Representações da Branquitude na Imaginação Negra”² (1992),

Numa sociedade supremacista branca, as pessoas brancas podem imaginar “seguramente” que são invisíveis para as pessoas negras, uma vez que garantiram historicamente – e que até hoje estabelecem coletivamente sobre as pessoas negras – concedeu-lhes os direitos de controlar o olhar negro. (HOOKS, p. 299)

Ativista, professora e uma das escritoras negras mais estudadas no mundo, bell hooks formou-se em literatura inglesa na Universidade de Stanford, fez mestrado na Universidade de Wisconsin e doutorado na Universidade da Califórnia. Importante teórica sobre estudos feministas estadunidenses, hooks delineaia seus pensamentos de forma interseccional colocando em ênfase os estudos de raça e gênero, além de possuir uma vasta obra fundamental para o estudo desses conceitos, algumas dessas traduzidas para o português como *Não serei eu mulher? - As mulheres negras e o feminismo* (2018), *Teoria Feminista - Da Margem ao Centro* (2020), *Tudo sobre o amor* (2021), *Olhares Negros: raça e representação* (2019), este último, em especial, contendo ensaios críticos capazes de discutir e em incutir, em nós leitoras e leitores, o pensamento crítico sobre negritude, branquitude, e representações.

Para hooks, em uma sociedade como a nossa é importante que exista o olhar da pessoa negra acerca da branquitude e de seus efeitos. De que forma as pessoas negras são atingidas pelas pessoas brancas e o que aquelas sentem quando, por exemplo, são preteridas em uma vaga de emprego devido à sua cor da pele? É nosso dever escutar os relatos de quem vive e lida diariamente com o preconceito. Nesse sentido, hooks traz um relato neste capítulo pautado em privilégio branco e nas consequências de não racializar a identidade branca, o que é ser branco em uma sociedade racista. Como exemplo, a autora apresenta uma situação onde em uma sala de aula, foi perguntado a alunos negros sobre as percepções deles sobre a branquitude. Enquanto os estudantes negros falavam, os estudantes brancos não concordavam e mantinham um desdém (ou seja, ilegítimavam) a fala nos alunos negros. A branquitude é invisível quando as pessoas brancas para além de não

² Representations of Whiteness in the Black Imagination. (HOOKS, 1992)

concordarem com a perspectiva de quem sofre o racismo, a deslegitimam, gerando um sentimento de terror e impotência nos alunos negros (hooks, 1992).

A branquitude invisibilizada e não questionada, aterroriza, aprisiona, destrói, mata e apaga a cultura e toda a história da população negra que tenta sua sobrevivência diariamente. Com relação ao termo de invisibilização da raça branca, Peggy McIntosh em seu ensaio editado *"White Privilege: Unpacking the Invisible Knapsack"* (1989) evidencia, a partir de sua perspectiva, alguns privilégios que as pessoas brancas experienciam no dia a dia.

[...] um pacote invisível de ativos não adquiridos que posso contar com o dinheiro a cada dia, mas sobre o qual "deveria" permanecer alheio. O privilégio branco é como uma mochila invisível e leve com provisões especiais, mapas, passaportes, livros de códigos, vistos, roupas, ferramentas e cheques em branco. (MCINTOSH, 1989, tradução nossa)³

Em uma lista de vinte e seis privilégios que pessoas brancas possuem e não se questionam quanto a isso, McIntosh reafirma a invisibilidade racial. Algumas dessas prerrogativas: ir ao shopping sem ser seguido ou com medo de ser presa, folhear suas revistas favoritas e se sentir representada racialmente por aquelas pessoas das fotos, comprar livros, CDs ou brinquedos que representem a sua raça, dentre outros exemplos que para as pessoas brancas é “normal”, contudo, o que questionamos é que esse “normal” não existe, é apenas não criticado ou questionado por ser dito como universal.

Nesse sentido, os argumentos das autoras conversam entre si no sentido de afirmar os efeitos atribuídos à branquitude quando não crítica, diálogo e reflexão para o entendimento de que a raça branca precisa ser questionada sobre os danos raciais suportados por décadas na população negra. Por outro lado, é importante entender a problematização da branquitude por meio das pessoas que sentem o racismo diariamente, pelas pessoas negras. Por isso, a relevância de analisar a perspectiva e o olhar da pessoa negra para o que é ser branco para esta e quais consequência esse ‘outro’ branco gera para as pessoas de cor.

Nessa perspectiva de ações cotidianas invisibilizadas que protegem as pessoas brancas em detrimento das negras, referenciamos o racismo cotidiano

³ No original “As an invisible package of unearned assets which I can count on cashing in each day, but about which I was ‘meant’ to remain oblivious. White privilege is like an invisible weightless knapsack of special provisions, maps, passports, codebooks, visas, clothes, tools and blank checks.” (MCINTOSH, 1989)

enfrentado por estas no dia a dia. Em sua obra *Memórias da Plantação – Episódios de Racismo Cotidiano*⁴, a professora universitária, filósofa e escritora de nacionalidade portuguesa Grada Kilomba, identifica os aspectos diários de quem sofre e convive com o racismo. Na obra há entrevistas com pessoas negras que descrevem o racismo cotidiano desde ao toque no cabelo negro (sempre acompanhada com perguntas indevidas) até a perda da oportunidade de vaga de emprego devido à cor da pele. Nessa obra, publicada originalmente em inglês em 2008, Kilomba defende seus argumentos pela ótica das mulheres negras

Na maioria dos estudos, nos tornamos visíveis não através de nossas próprias autopercepção e autodeterminação, mas sim através da percepção e do interesse político da cultura nacional branca dominante, como é observável na maioria dos estudos e debates sobre racismo, que contém “um ponto de vista branco”(ESSED apud KILOMBA, 2019, p. 72).

No terceiro capítulo do livro *Dizendo o indizível – Definindo o Racismo*, Kilomba define três tipos de racismo sendo esses: o primeiro é o estrutural quando as pessoas de cor são excluídas da estrutura da sociedade, seja ela política, social e/ou econômica (p. 77); o segundo o racismo institucional onde há um padrão de discriminação das pessoas de cor, não somente de forma ideológica, mas também através das instituições (ambiente de trabalho, educacional, judiciário); o terceiro é o racismo cotidiano que “refere-se a todo vocabulário, discursos, imagens, gestos, ações e olhares que colocam o sujeito negro e as Pessoas de Cor não só como Outra/o (...) mas também como Outridade (...)” (p.78).

Isto posto, a autora assevera que os tipos de racismo estruturam o preconceito da sociedade para com as pessoas negras, e o sistema opressor branco sustenta isso até hoje. A opressão racial ocorre, primeiramente, com a diferença estabelecida de que o branco é universal e não contestado, e o “diferente” é o ‘Outro’ a negritude. Afirmado isso, no capítulo seguinte, a autora reflete sobre as camadas de opressões suportadas pelas pessoas negras, em especial as mulheres negras; sustenta que raça e gênero são inseparáveis, e que este tem um impacto na construção das experiências raciais.

Da mesma forma entende a escritora e palestrante Ijeoma Oluo, mulher negra, estadunidense, referência e nomeada como uma das 100 pessoas afro-estadunidenses mais influentes pelo *The Root* em 2017, destaca em sua obra *Então você quer falar*

⁴ No título original: *Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism* (2008).

sobre raça (2018)⁵ a problemática da supremacia branca, as consequências advindas da opressão branca e os efeitos sistêmicos do racismo:

O objetivo final do racismo era o lucro e o conforto da raça branca, especificamente, dos homens brancos ricos. A opressão das pessoas de cor era uma maneira fácil de obter riqueza e poder, e o racismo era uma boa maneira de justificá-la. (OLUO, 2018, p. 54).

Nessa obra, Oluo delinea seus argumentos sobre raça e racismo através de perguntas feitas no cotidiano a pessoas de cor; para ela, racismo é “qualquer preconceito contra alguém por causa de sua raça, quando essas visões são reforçadas por sistemas de poder” (OLUO, 2018, p. 47). A partir disso, a autora apresenta a problemática do sistema opressor branco que faz com que se perpetue várias formas de preconceito e segregação das pessoas negras.

Além das ideias sobre raça defendidas pelas autoras acima, achamos necessário citar duas obras de autoras negras que discutem especificamente a branquitude. A primeira delas é Reni Eddo-Lodge que em seu *best-seller* “*Por que eu não converso mais com pessoas brancas sobre raça*” (2017)⁶ bateu recorde de vendas, principalmente, após a morte de George Floyd pela polícia dos Estados Unidos e a comoção gerada pelo movimento *Black Lives Matter*. Eddo-Lodge aponta a branquitude como principal problema do racismo estrutural, este decorrente de atitudes diárias que corroboram para a manutenção do privilégio branco e a consequente marginalização da população negra.

Como posso definir privilégio branco? É tão difícil descrever uma ausência. E o privilégio branco é a ausência das consequências negativas do racismo. Uma ausência de discriminação estrutural, uma ausência de sua raça ser vista como um problema em primeiro lugar, uma ausência de “menos probabilidade de sucesso por causa da minha raça”. É a ausência de olhares engraçados dirigidos a você porque se acredita que você está no lugar errado, a ausência de expectativas culturais, a ausência de violência praticada contra seus ancestrais por causa da cor de sua pele, a ausência de uma vida inteira de marginalização sutil e alteridade - exclusão da narrativa de ser humano (tradução nossa). (EDDO-LODGE, 2017, p. 86)⁷

⁵ No título original: *So You Want to Talk About Race* (2018).

⁶ No título original: *Why I'm No Longer Talking to White People About Race* (2017).

⁷ No original: “How can I define white privilege? It's so difficult to describe an absence. And white privilege is an absence of the negative consequences of racism. An absence of structural discrimination, an absence of your race being viewed as a problem first and foremost, an absence of ‘less likely to succeed because of my race. It is an absence of funny looks directed at you because you're believed to be in the wrong place, an absence of cultural expectations, an absence of violence enacted on your ancestors because of the colour of their skin, an absence of a lifetime of subtle marginalisation and othering - exclusion from the narrative of being human.”

Nesse sentido, Cida Bento nos aponta o problema da branquitude de forma descomplicada na sua obra *O pacto da branquitude* (2022). No livro, a autora reúne experiências pessoais e profissionais para nos fazer entender que o sistema opressor branco é responsável pela marginalização das pessoas negras, assim

Trata-se de compreender a perspectiva que emerge quando deslocamos o olhar que está sobre os “outros” racializados, os considerados “grupos étnicos” ou os “movimentos identitários” para o centro, onde foi colocado o branco, o “universal”, e a partir de onde se construiu a noção de “raça”. (BENTO, 2022, p 15).

Para a autora, a transmissão de prerrogativas de geração em geração por meio da branquitude, deve-se a um pacto não verbalizado entre pessoas brancas e que visam a manutenção dos privilégios (BENTO, 2022, p. 18). Há, portanto, um benefício invisibilizado pactuado entre os brancos que visa a perpetuação das vantagens da branquitude, em desfavor à conquista de direitos e igualdade pelos negros.

Para além do recorte de raça, acreditamos que o conto apresenta um outro aspecto importante e que se intersecciona com os demais: a idade. Percebemos que O'Connor refere-se - por diversas vezes - ao personagem principal como *velho Dudley*, de certa forma o adjetivando como uma pessoa mais velha, que atingiu determinada idade, ao que comumente chamamos de idoso ou terceira idade. Essa marcação de idade é importante para identificarmos hábitos que perpetuaram na vida do velho Dudley e que com o passar dos anos não se modificaram, como por exemplo não ter um ‘filtro’ na sua fala e essa (por mais problemática que seja) ser justificada por causa da idade.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), etarismo ou idadismo⁸ é “o preconceito em relação a idade, surge quando ela é usada para categorizar e dividir as pessoas de maneira a causar prejuízos, desvantagens e injustiças.” (OMS, 2021). Para nós em sociedade é corriqueiro o convívio com pessoas idosas, contudo a discussão e problematização acerca da condição de vida dessas pessoas não é debatida, em especial na literatura. Nessa fase da vida, as pessoas idosas são acometidas por alguns sintomas e sentimentos na maioria das vezes ignorados pela sociedade. Aspectos depressivos, solidão e sentimento de impotência são alguns

⁸ No inglês: *ageism*.

deles. Faz-se necessário esse recorte, pois iremos perceber que o personagem principal possui algumas dessas características, e faz com que ele não consiga se desligar do passado; seja em atitudes e/ou discursos que já estão ultrapassados.

Ao estabelecer essa relação entre idade e racismo, iremos discutir o quando a idade contribui para uma manutenção de atitudes ultrapassadas e racistas do velho Dudley. Para isso, iremos consultar as referências trazidas na obra *Age Matters Re-Aligning Feminist Thinking* (2013) das autoras Kathleen F. Slevin e Toni M. Calasanti onde encontramos um estudo aprofundado e crítico sobre o conceito de idadismo e seus desdobramentos.

Para as autoras o conceito não é amplamente discutido na literatura, gerando com isso um tabu e a dificuldade de compreensão de como o aspecto idade pode se interseccionar com outros aspectos dos estudos feministas. Afirmam ainda que é possível encontrar estudos de crítica feminista em mulheres jovens e de meia idade, em detrimento dos estudos dos corpos velhos e envelhecidos, assim “A ausência de uma crítica feminista do idadismo e das relações de idade aumenta a opressão que os idosos enfrentam, especialmente aqueles marginalizados nas interseções de múltiplas hierarquias (Tradução nossa).”⁹(p. 3).

As autoras discutem a importância desse conceito para os estudos feministas, principalmente quando analisamos os diferentes efeitos nas pessoas ao interseccionarmos gênero, raça e classe. Desse modo, a partir do conceito de idade podemos fazer algumas relações com o conto e a autoria de O'Connor. Uma delas é a de que a autora, normalmente, relaciona o preconceito racial com a idade dos personagens, ou seja, os racistas são caracterizados como pessoas mais velhas. Isso pode nos fazer refletir que O'Connor relaciona essa prática como algo antigo, velho e ultrapassado, e atrela o personagem idoso às práticas racistas. Podemos perceber isso em outros contos da autora que tem como personagens principais pessoas mais velhas e racistas em “*Tudo que sobe deve convergir*” (1965), “*Um homem bom é difícil de encontrar*” (1953) e em “*Revelação*” (1964), demonstrando um traço característico de sua escrita sob o seu olhar branco e sulista a respeito do racismo.

⁹No original: “The absence of a feminist critique of ageism and age relations furthers the oppression that old people face, especially those marginalized at the intersections of multiple hierarchies.”

Além disso, invariavelmente durante a narrativa, o personagem principal é chamado *velho* Dudley (ou em alguns momentos somente de velho), o que possivelmente denota uma marcação de idade como estereótipo para o personagem. Assim, acreditada-se que a autora expressa a simbologia da velhice ao que seria arcaico e primitivo, apesar de o personagem tentar demonstrar um certo senso de “sabedoria” e autoridade, isto corrobora para um pensamento conservador no qual é legitimado pela supremacia branca.

Na narrativa, o velho Dudley morava em uma fazenda no sul dos Estados Unidos, onde mantinha seu poder e autoridade sobre as pessoas, em particular um homem negro chamado Rabie, assim

Pessoas mais velhas de posses nas sociedades agrárias ocupavam cargos de autoridade. Direitos de antiguidade, poder, dinheiro e a terra foram protegidas. Além disso, mesmo as pessoas mais velhas da vida familiar do campesinato tinham algum grau de autoridade (AGEISM IN AMERICA, 2006, p. 17, tradução nossa)¹⁰

A partir do momento em que o velho Dudley não consegue mais exercer sua autoridade e poder frente aos empregados da fazenda, este sente-se frustrado impotente, principalmente quando muda-se para Nova York onde tudo é novo e ele fica em uma posição de dependência para com a filha. Isto irá se refletir nas atitudes dele quando encontra o negro que mora ao lado do seu apartamento, análise que ocorrerá nos capítulos seguintes.

É a partir desse referencial que pretendemos analisar as nuances trazidas por Flannery O'Connor no conto *O Gerânio*. Para além disso, se faz oportuno analisar o gênero literário, para um entendimento mais amplo a respeito dos aspectos estéticos e estilísticos característicos da escrita da autora.

1.2 Breve aspectos estilísticos do conto

Narrar histórias é um hábito cultural, marcado pela oralidade e, geralmente, passado de geração em geração. Crescemos ouvindo fábulas e histórias que quase sempre tinham um cunho moral, sendo uma das manifestações culturais mais antigas encontrada desde os tempos remotos.

¹⁰No original: “Older persons of means in agrarian societies held positions of authority. Seniority rights, power, money, and land were protected. Moreover, even older persons within the family life of the peasantry held some measure of authority.”

Geralmente o conto é uma história narrada, curta e com finais fatídicos. E por ser rápido, são os episódios mais importantes os relatados pelo contista, ficando uma parte da significação de alguns aspectos da história submersos, no imaginário do leitor. Esse é o ponto de partida da teoria do *iceberg* de Ernest Hemingway que “é a primeira síntese desse processo de transformação: o mais importante nunca se conta. A [p. 91] história é construída com o não-dito, com o subentendido e a alusão.” (PIGLIA, 2004, p. 41).

Para Ricardo Piglia, o conto é um gênero literário no qual as elipses e os subentendidos estão quase sempre presentes na narrativa. O conto é construído para revelar algo oculto, uma verdade sobre a vida, aspectos que não conseguimos ver habitualmente. Além disso, às vezes o final das histórias não é direcionado ao personagem principal, mas sim para um personagem secundário que poderá ficar subentendido. Para exemplificar, o autor cita um conto da Flannery O'Connor em que a personagem é uma noiva abandonada em um posto de gasolina no final da história e as leitoras e leitores não sabe o fim da personagem, e a sensação é de que falta algo ou alguma explicação do destino final da noiva.

Dessa forma, os desfechos das histórias nos contos não são previsíveis, como também podem não se dirigir ao personagem principal. Para Piglia, a incógnita é a maestria do conto “O conto é construído para revelar artificialmente algo que estava oculto. Reproduz a busca sempre renovada de uma experiência única que nos permite ver, sob a superfície opaca da vida, uma verdade secreta.” (PIGLIA, 2002, p.43).

Flannery O'Connor estudou escrita criativa na oficina de escritores na Universidade de Iowa. Assim, características como religiosidade, grotesco e violência são observadas na maioria dos seus trabalhos

O corpus de O'Connor é notável pela aparente incongruência de um católico devoto cujas obras cômicas sombrias geralmente apresentam atos surpreendentes de violência e personagens antipáticos, muitas vezes depravados. Ela explicou a prevalência da brutalidade em suas histórias observando que a violência “é estranhamente capaz de devolver meus personagens à realidade e prepará-los para aceitar seu momento de graça”. É este despojamento divino de confortos humanos e arrogância, juntamente com a consequente degradação do corpóreo (...) (BRITÂNICA, 2022.)

Dessa forma, O'Connor constrói a narrativa do conto de maneira minuciosa, costurando personagens grotescos, com traços de religiosidade e ambientando os leitores e as leitoras ao movimento segregacionista/racista do sul dos Estados Unidos. Outrossim, consegue-se compreender a partir da teoria do conto de Piglia (2002) que

Flannery O'Connor insere-se como contista, à medida que desenvolve diferentes realidades no decorrer da narrativa com as quais os leitores e leitoras devem deduzir ou inferir determinados pontos; as escolhas lexicais da autora, os simbolismos e a estrutura do conto conduzem a leitura para uma análise individual de cada leitor e leitora.

Comparando com a teoria do *iceberg* de Hemingway, os leitores e as leitoras podem deduzir e pressupor diferentes hipóteses para, por exemplo, o título do conto. O gerânio é uma flor bastante conhecida, de fácil cultivo, e encontrada em várias casas, mas surge o questionamento do motivo do título ser representado por essa flor; e de acordo com o texto que é colocado para os leitores e leitoras será possível (ou não) inferir a justificativa para isso, configurando a ideia do *iceberg* onde há um processo de transformação na história e o mais importante não é contado.

2 O GERÂNIO: ANÁLISE E RESULTADOS

O *Gerânio* narra a história do velho Dudley, um viúvo idoso que, antes de se mudar para Nova York, morava em uma fazenda localizada no sul dos Estados Unidos. Agora ele mora em uma das maiores metrópoles do mundo em um pequeno apartamento com sua filha. Todos os dias ele sentava em sua janela e admirava a graça e a beleza de um gerânio que ficava no peitoril da janela do vizinho. Em um certo dia a planta não estava lá; seu humor muda e o sentido se perde. Sua filha o envia a uma missão, descer três andares de escadas até o apartamento de uma senhora para pegar um molde de camisa. A caminhada parecia assustadora e ficou ainda mais quando o velho Dudley cai nas escadas e é ajudado por um vizinho negro. Ao perceber o vizinho negro, que não possui nome na narrativa, o carregando pelo braço, lembrou dos tempos de caça e de Rabie. Quase sem ar, ao retornar ao seu apartamento, senta-se na poltrona, mas o velho Dudley não avista o gerânio. Este havia caído e estava espalhado no chão seis andares abaixo. O dono da planta foi contundente ao expressar sua irritação pelo velho encarar sua janela todos os dias, e ele o alertou para parar de fazer isso definitivamente.

Um dos primeiros contos escritos por Flannery O'Connor, *O Gerânio* foi primeiramente publicado em 1946 na revista *Accent: A Quarterly of New Literature* da Universidade de Illinois que reunia uma coletânea de textos e foi distribuída regularmente entre 1940 a 1960; além de Flannery O'Connor, outros escritores publicaram nesta revista, entre esses: E. E. Cummings, Richard Wright, Sylvia Path, Eudora Welty, Anne Sexton, Wallace Stevens e William Carlos Williams.¹¹

Nesse trabalho, utiliza-se a obra *Contos Completos - Flannery O'Connor*, da coleção *Mulheres Modernistas*, de março de 2008, da extinta editora Cosac Naify, com tradução de Leonardo Fróes. A escolha de utilizar a obra em português sucedeu pela qualidade da tradução do Leonardo Fróes, que é muito fidedigna em comparação com a versão original em inglês. O tradutor preocupou-se com os mínimos detalhes lexicais ao traduzir; característica dos textos da O'Connor que costura cirurgicamente cada palavra nas narrativas. Além disso, essa edição contempla os principais contos e algumas fotos da escritora, além de conter um posfácio escrito

¹¹Para mais informações referente à revista, acessar o Índice de Revistas Modernistas: <https://modernistmagazines.org/american/accent-a-quarterly-of-new-literature/#1464124281502-9e535a72-b353dcf4-e9a3f857-4de2cbb8-fb24>.

por Cristovão Tezza que explica um pouco da vida e obra da autora. Isto posto, essa análise divide-se em duas seções: A primeira sobre branquitude no conto e a segunda sobre idade. Além disso, algumas questões serão suscitadas: 1. De que forma a branquitude reflete as consequências do racismo estrutural; 2. Como os personagens do conto são racializados (ou não) e de que forma isso reflete seus atos e diálogos, e 3. De que modo a idade interfere (ou não) nas atitudes discriminatórias do personagem velho Dudley.

2.1 Raça: Representações da branquitude e negritude

O velho Dudley é o personagem principal do conto, e de início sabe-se que há um contraste com sua filha (que não é nomeada no conto) que o estimulou sair da zona rural para a cidade de Nova York. Esta personagem pode ser caracterizada como uma ‘personagem foil’¹², que consiste em possuir traços que contrastam com outro personagem da narrativa. Nesse caso, será possível observar e analisar nos próximos parágrafos alguns contrastes entre o velho Dudley e a filha.

Para o velho Dudley a escolha foi difícil; viver e morrer na fazenda sozinho ou se mudar para a cidade, apesar de sua aversão à urbanização. Durante a narrativa são poucas as características físicas que se pode conhecer do personagem; sabe-se que a marcação da velhice está presente durante toda a história, aspecto significativo para a construção do personagem. Além disso, o velho Dudley não é racializado pela escritora, ou seja, não se sabe qual a raça que lhe é atribuída e a consequência dessa escolha pela autora.

A impressão que se tem do velho Dudley é de uma pessoa que convive com a solidão e pensa muito em seu passado “(...) se simplesmente o tivesse deixado em paz -deixando-o lá onde ele estava na terra dele (...)” (O’Connor, 2008, p. 10). Além disso, o personagem age como se fosse um peso na vida da filha e sente-se incomodado de estar morando com ela naquele pequeno apartamento. Assim, o que o confortava era pensar sobre o tempo longínquo, ao ponto de transportar-se para a fazenda do sul, onde as pescas com Rabie era habitual, e principalmente, pelos gerânios que eram comumente cultivados naquela região e que, segundo ele, eram os mais bonitos.

¹²Definição encontrada em: <https://www.storyboardthat.com/pt/articles/e/personagem-de-folha>.

Uma das principais reflexões do velho Dudley sobre o passado é a ‘amizade’ com Rabie, um homem negro que acompanhava o velho Dudley nas pescarias e caçadas

Ele e Rabie pescavam lá, num bote de fundo chato, todas as quartas-feiras. Rabie conhecia o rio, para um lado e para o outro, por mais de trinta quilômetros. Não havia outro negro no condado de Coa que o conhecesse tão bem. (O’CONNOR, 2008, p.11)

A partir disso, as características de Rabie são apresentadas pelo narrador em terceira pessoa. Primeiramente a autora marca a raça do personagem durante o texto “(...) nunca sequer seguiam um gambá pela trilha; e ele era um negro, além disso, muito mais dado à água.” (O’Connor, 2008, p. 12), ademais outros são os atributos relacionados ao personagem: ‘ligeiro que nem fuinha’ e ‘Rabie era dado a escapular do trabalho’. Caracterizar o personagem dessa forma, é afirmar um racismo embutido no mito da preguiça das pessoas negras. No Brasil, esse mito é observado especificamente no estado da Bahia, em que se concentrava a maior quantidade de escravos com o objetivo de depreciar-los.

Até o momento não tinha sido marcada a raça de nenhum personagem. Contudo, ao ser apresentado Rabie, é possível observar uma tendência do narrador ao racializá-lo; com isso, é possível depreender que o narrador até então não marca a raça do velho Dudley, somente o negro Rabie. Dessa forma, este pretende marcar o que seria diferente, o outro, para talvez identificar uma dualidade entre os personagens.

Para além das escolhas lexicais do narrador, podem ser levantadas algumas questões relacionadas à autoria de Flannery O’Connor como: até que ponto a escolha de marcar a negritude no conto representa um marco de autoria? De que forma isso pode ser visto como um problema, e reforçar a perspectiva racista do personagem principal?

Segundo Paul Elie (2020), Flannery O’Connor era considerada uma pessoa racista por alguns críticos, apesar de sua obra contemplar o tema de discriminação racial de forma vasta. Flannery O’Connor morreu aos trinta e nove anos e ao longo dos anos, mais precisamente em 2014, foram descobertos escritos e cartas que a revelava como uma pessoa intolerante; em uma das cartas, O’Connor afirma que sentia-se incomodada com a presença de um aluno negro na sala de aula do seu primo, além de repugnar a presença de alunos negros na universidade de Columbia.

Após a divulgação das cartas, um outro lado de O'Connor foi revelado. A despeito de alguns admiradores da sua obra tentar encobrir trechos das cartas que falam explicitamente sobre o racismo do Sul, atualmente é necessário conectar a escrita ficcional com o sentimento da autora para com o que escreve; como afirma Angela Alaimo O'Donnell o trabalho de O'Connor é “assombrado pela raça” no sentido de apresentar o racismo na literatura como mulher branca, mas respinga problemáticas literárias concernentes à branquitude (Elie, 2020). Ainda sobre essa questão, Elie continua

Embora ela tenha usado epítetos raciais de forma descuidada em sua correspondência, ela lidou com raça corajosamente na ficção, retratando personagens brancos impiedosamente e criando personagens negros honestos que “mantêm uma privacidade inviolável”. E ela era admiravelmente desconfiada da apropriação cultural. “Não me sinto capaz de entrar na mente de um negro”, disse ela a um entrevistador – uma relutância que Alice Walker elogiou em um ensaio de 1975 (ELIE, 2020).

Assim, o contexto em que Flannery O'Connor estava inserida na Georgia convergia para uma escrita fruto da branquitude, mas que ao mesmo tempo possuía a necessidade de expor a segregação e discriminação racial da época, o que cria uma linha tênue entre ficção e realidade pessoal.

Diferentemente de Rabie, o velho Dudley não é racializado no texto. Trata-se de um aspecto da escrita de uma autora branca que suscita na obra uma discriminação racial. Então, ao voltar para o conceito de “mochila invisível” concebido por McIntosh (1989), no qual ser branco é universal e não questionado, imagina-se que se trata de um homem branco por esta não ser questionada em nenhum momento do conto pela O'Connor. Neste aspecto, destacamos um recorte de raça feito pela autora no qual não racializa a identidade branca, corroborando para o “mito da neutralidade” (Bento, 2022, p. 72), no qual pessoas brancas transitam em sociedade sem haver questionamentos sobre cor de pele; para Cida Bento (2022), ser branco é viver sem se notar racialmente, e o outro é a pessoa de cor. Dessa forma, é possível constatar que O'Connor não marca a raça branca dos personagens velho Dudley e a filha, pois para a escritora - como mulher branca - era subentendido isso, ao contrário do que era o outro, que deveria ser sinalizado.

2.1.1 *Representações da negritude*

No decorrer do texto, o velho Dudley continua a relembrar alguns momentos em que ele e Rabie passaram juntos; das pescarias que aconteciam todas as quartas-feiras e de quanto Rabie conhecia os rios da região. A partir desse momento, percebe-se interesses antagônicos dos personagens: enquanto o velho Dudley preferia se importar com os peixes, Rabie adorava o rio, “Rabie remava e indicava os bons lugares; já a pescaria propriamente era com o velho Dudley, porque para os peixes Rabie nem ligava muito [...]” (O’CONNOR, 2008, p. 11). No trecho, podem ser observadas características relativas à forma em que o personagem negro é descrito, de forma a outremizá-lo. Além disso, é percebido que Rabie é qualificado como uma pessoa que prefere as coisas mais simples (natureza, rio), diferente do personagem branco, que prefere as armas e caçadas. Com a escolha do narrador ao fazer um contraponto entre esses dois personagens, à medida que a história se desenvolve, depreende-se uma relação em que parecia ser amigável, mas na verdade se constrói por outros contornos devido às atitudes intolerantes do velho Dudley.

A priori, identifica-se um tom de autoridade e preconceito em algumas atitudes do velho Dudley diante de Rabie “Que danado era Rabie! Ligeiro que nem fuinha, para surrupiar suas coisas, mas sabendo que só ele onde é que tinha mais peixes. Os miudinhos o velho Dudley lhe dava.” (O’Connor, 2008, p. 11). Neste ponto, Rabie é caracterizado por furtar coisas do velho Dudley, e de ficar com os peixes menores, apesar de mostrar onde pescar para o velho.

Em outro trecho, Rabie é descrito pelo narrador em terceira pessoa como um personagem que deixava seus afazeres em detrimento do velho Dudley “Rabie era dado a escapular do trabalho; sempre deixava uma parte por fazer, ia ajudar o velho Dudley em algum novo projeto - a pintura de uma porta ou a construção de um galinheiro.” (O’Connor, 2008, p. 12), designa-se Rabie como um personagem que falha com seus deveres e como uma forma de ‘sacrifício’ ajuda o personagem branco a resolver os problemas deste.

Dessa forma notam-se estereótipos relativos ao ser negro/negritude, seja pela aparência do personagem ou pelas suas atitudes em relação ao personagem branco. Isto contribui para reforçar a estrutura racista da sociedade, até os dias atuais; é possível perceber determinados comportamentos e/ou falas proferidas por pessoas brancas reforçando essa concepção dos corpos negros, frequentemente outremizando a negritude.

Desse modo conseguimos identificar o racismo estrutural (Kilomba, 2019), em que as atitudes do velho Dudley corroboram para a manutenção da segregação racial, sendo “a combinação do preconceito e do poder que forma o racismo. E, nesse sentido, o racismo é a supremacia branca” (Kilomba, 2019, p. 76), isto significa que, as atitudes do velho Dudley pareciam naturais, contudo, era o poder branco e o preconceito racial que estruturava a relação entre ele e Rabie.

De volta à Nova York, um homem negro se muda para o apartamento vizinho. Este é o segundo personagem racializado, o vizinho negro. Ele não é nomeado, mas é (novamente) caracterizado em detalhes

Usava terno cinza riscado e uma gravata marrom no colarinho branco engomado que lhe contornava o pescoço com uma linha bem tracejada. Seus sapatos brilhavam muito - e, combinando com sua pele e a gravata, eram marrons também. O velho ficou coçando a cabeça. Não atinava com o tipo de pessoa que vivia num prédio assim tão cheio e, apesar disso, podia se permitir empregados. (O'CONNOR, 2008, p. 15)

Pela segunda vez na narrativa, a autora apenas racializa o personagem negro; depreende-se uma propensão do estilo de escrita ao ter que marcar o que seria ‘diferente’ dos demais personagens não racializados, os brancos. Assim, constata-se uma relação de alteridade ao descrever os personagens do conto, aspecto que atravessa a teoria e atinge as convicções pessoais da autora.

Retornando ao texto narrativo, há o encontro inesperado entre o vizinho negro e o velho Dudley; é o ápice da exposição do racismo do personagem principal, onde este começa a ser mais evidenciado. O velho Dudley acredita que o vizinho seja empregado do apartamento ao lado, à medida que descreve seu estereótipo para a filha. Ao mesmo tempo que achava um absurdo um prédio daqueles permitir empregados, pensou que seria útil ao patrão ter um empregado bem vestido e pensou consigo da vantagem de possuir uma pessoa para lhe fazer companhia, como era a relação dele com Rabie.

À medida em que discorre a narrativa, fica mais evidente o racismo e o preconceito racial do velho Dudley e este, como parte integrante do sistema opressor branco, sente-se superior às pessoas de cor

Você não foi criada assim! Não foi criada pra viver junto com negros que pensam que são iguais a você! E depois ainda me vem com essa, achando que eu vou me meter com alguém dessa raça? Você deve é estar maluca, pra chegar a cismar que estou querendo alguma coisa com eles. (O'CONNOR, 2008, p. 16)

A forma como o privilégio branco age causando uma discriminação quase incurável contra a população negra, colabora para a perpetuação do racismo estrutural. A problemática da não racialização dos personagens fica evidente quando a autora não determina a raça dos personagens velho Dudley e da filha e reforça características atribuídas aos personagens negros como forma de outremização. Nessa passagem do texto, o velho Dudley não aceita que sua filha resida ao lado de uma pessoa negra, e que ela não podia conviver no mesmo ambiente que este, pois ela foi ‘muito bem criada’. Constata-se a branquitude e o privilégio branco delineado nas atitudes do personagem à medida que, como afirma a psicóloga Cida Bento “os negros são vistos como invasores do que os brancos consideram seu espaço privativo, seu território” (Bento, 2022, p. 74). Para o velho Dudley o vizinho negro é o invasor do seu espaço, um local onde pessoas brancas não convivem com as negras e que se sustenta com um mito de prestígio e poder.

No momento seguinte, a filha pede ao velho Dudley um favor; ir até outro apartamento que fica localizado três andares abaixo e pegar um molde de camisa. Ao passar no corredor, avistou uma mulher negra sentada em uma cadeira perto da janela e que usava óculos; lembrou de Lutisha que tinha conseguido juntar treze dólares para comprar óculos o qual o médico dissera que ela não precisava

Lutisha ficou tão furiosa que por três dias seguidos deixou o pão de milho queimar, mas mesmo assim comprou os seus, na loja de bugigangas baratas. Custaram só um dólar e noventa e oito e ela os usava sempre aos domingos. ‘Coisa de negro’. Dando uma risadinha, o velho Dudley se deu conta de ter feito barulho e tapou a boca com a mão. (O’CONNOR, 2008, p. 18)

Em mais um trecho é possível identificar a caracterização das personagens negras. A mulher sentada à janela, supostamente seria a companheira do vizinho negro, vestia-se bem, possuía um livro no colo e usava óculos; de forma semelhante, Lutisha também usava óculos, mas ao contrário da vizinha, obteve o objeto com mais dificuldade, além de colocá-la à margem, enfatizando o diferente e a falta de acesso da população negra ao básico. Desse paralelo é possível concluir que: para Lutisha, uma mulher negra que vivia na fazenda do Sul, a conquista de direitos era mais árdua ou não existiam; no entanto para a vizinha negra, o acesso aos direitos básicos foram conquistados, mesmo que de forma incipiente.

Ao continuar seu caminho no corredor do prédio, o velho Dudley se perde em seus pensamentos sobre o passado e cai da escada que o levava para o andar de baixo. Nesse meio tempo, o vizinho negro que vinha subindo os degraus em sua

direção, o ajuda a levantar. O vizinho negro puxa o velho Dudley pelo braço, este ainda boquiaberto e ofegante. Sem ação alguma, o velho olha em volta, e fora de si, não entendia nada que o negro falava. Sabia que era sobre um assunto comum entre os dois: armas, mas o velho Dudley somente conseguia fixar seu olhar nas unhas bem cortadas e no sapato marrom brilhante do vizinho.

Neste momento, é possível perceber que os personagens convergem de certa forma: os dois gostam de armas. Diferentemente de Rabie, o vizinho negro compartilha do mesmo interesse do homem branco, assim

“O senhor então caça?”, dizia o negro. “Fui a uma caçada de veados um dia. Se me lembro bem, acho que usamos um Dodson 38. E o senhor, com que arma costuma ir?” O velho Dudley se fixava no brilho dos seus sapatos marrons. “Vou de espingarda”, murmurou. “Eu gosto mais de mexer com armas do que caçar”, dizia o negro. (O’CONNOR, 2008, p. 20).

Compreende-se então a alteridade que surge entre os dois personagens: o negro se coloca como parte ativa naquele momento, sente-se empoderado, e disposto a lutar por seus direitos, enquanto o branco encontra-se em um lugar passivo, onde é representado de forma racista e que estereotipa o negro no pós-escravização. Como afirma Cida Bento (2022, p. 74) “os negros estão fora do lugar quando ocupam espaços considerados de prestígio, poder e mando. Quando se colocam em posição de igualdade, são percebidos como concorrentes(...)”, então quando a estrutura é invertida os negros são vistos como concorrentes do espaço até então ocupado por brancos, ocorrendo uma ruptura no sistema estrutural branco.

Então o velho Dudley é amparado pelo vizinho negro até seu apartamento, sem ao menos ter o olhado nos olhos. Ao entrar pela sala, afundou em sua poltrona e pensou consigo o quão absurdo tinha sido aquela cena

Por causa de um negro - um danado de um negro que o chamou de ‘vovô’ e lhe deu um tapa nas costas -, sua garganta ia estourar. E uma coisa dessas não tinha cabimento. Ele que vinha de um lugar tão bom bem sabia. Um bom lugar. Lugar em que uma coisa assim era inadmissível. (O’CONNOR, 2008, p. 21)

Ao analisar o trecho acima, o velho Dudley se incomoda ao ser ajudado pelo vizinho negro, onde é demonstrada sua fragilidade para o outro. Relacionando essa atitude com os conceitos de branquitude e supremacia branca¹³, revelam que,

¹³ De acordo com o dicionário Merrian-Webster traz a definição do termo supremacia branca: 1: the belief that the white race is inherently superior to other races and that white people should have control over people of other races; 2: the social, economic, and political systems that collectively enable white

enquanto homem branco, o velho Dudley sentia-se empoderado e independente, não questionando questionar sua situação de privilégio; contudo quando a ordem foi invertida ele pôde perceber que naquele momento esse poder não existia.

Vejo um padrão percorrendo a matriz do privilégio branco, um padrão de suposições que me foram passadas como pessoa branca. Havia um pedaço principal de relva cultural; era meu próprio território, e eu estava entre aqueles que podiam controlá-lo (MCINTOSH, 1989).¹⁴

Assim, o privilégio branco age de uma forma não-verbal e não problematizada para aqueles que desfrutam do privilégio que quando ocorre uma situação contrária do habitual a reação da pessoa branca é de invasão e que foge do controle.

Além do velho Dudley, apresenta-se no conto a figura da filha dele. Praticamente não há caracterizações físicas para essa personagem, como também não há menção a sua raça. Contudo, ao demonstrar insatisfação de forma sutil pela conversa sobre o vizinho negro com o pai, imagina-se que ela seja uma pessoa branca. Ademais, constata-se, através de suas falas relativas ao personagem negro, que ela pratica um racismo cotidiano (Kilomba, 2019), no qual seu comportamento, vocabulário e expressões perante à situação é reativa ao dizer

[...] ela o seguiu e o puxou para trás. - Será que o senhor não ouve?, gritou. [...] Não pergunte nada para ele, não lhe diga coisa alguma. Eu não quero saber de encrenca com negros. [...] Não vá se meter com ele (O'CONNOR, 2008, p.16).

Identifica-se, portanto, que a filha do velho Dudley, apesar de mais nova em idade do que ele, não demonstra um racismo evidente, mas se incomoda com o fato do pai querer saber mais sobre o vizinho negro. Observa-se outra característica relevante para o entendimento da história: a idade do personagem velho Dudley e da filha, e de que forma esse aspecto pode acentuar ou atenuar as atitudes racistas dos personagens.

2.2 Aspectos interseccionais ao conceito de idadeismo

people to maintain power over people of other races. Traduzido por nós: 1: a crença de que a raça branca é inerentemente superior a outras raças e que os brancos devem ter controle sobre as pessoas de outras raças; 2: os sistemas sociais, econômicos e políticos que, coletivamente, permitem que os brancos mantenham o poder sobre as pessoas de outras raças.

¹⁴ No original: "I see a pattern running through the matrix of white privilege, a pattern of assumptions which were passed on to me as a white person. There was one main piece of cultural turf; it was my own turf, and I was among those who could control the turf."

No decorrer da pesquisa, foi possível observar outra característica que, de forma interseccional, poderia fundamentar comportamentos discriminatórios dos personagens brancos, o velho Dudley e a filha. Com base no que afirmam Calasanti e Slevin (2013), os estudos na literatura sobre idade, principalmente com mulheres, ainda são escassos, pois há um tabu referente a questões de preconceito e condição de vida da pessoa idosa, destarte

As sociedades proíbem comportamentos e obrigações apropriados com base na idade. O segundo e o terceiro aspectos das relações de idade falam mais diretamente de questões de poder e como e por que essa organização baseada na idade é importante para mudanças de vida. A velhice não só exacerba outras desigualdades, mas também é uma localização por direito próprio, conferindo perda de poder a todos os designados como “antigos” independentemente de suas vantagens em outras hierarquias (CALASANTI E SLEVIN, 2012, p. 5, tradução nossa).¹⁵

Dessa forma, ao relacionar idade com demais aspectos de classe e raça é possível entender de que forma outras opressões atingem as pessoas idosas e qual impacto nas relações de poder que advém com isso.

Baseado nessa reflexão, inicialmente, constata-se que a idade é um tema recorrente em outros contos de Flannery O’Connor, tornando-se um marcador significativo em sua escrita. É possível citar dois contos em que a idade é um elemento importante para a narrativa, por exemplo em *Um bom homem é difícil de encontrar* (1953), em que a personagem principal é uma avó teimosa e que demonstra seus traços racistas a partir do medo de um bandido que está solto na cidade; e em *Tudo o que sobe deve convergir* (1965) encontramos uma mãe racista, indignada com o começo das conquistas dos direitos civis da população negra, onde o filho tenta convencê-la do fim da segregação racial.

A partir dessa constatação, é possível identificar essa relação que a autora faz entre idade e raça: quanto mais velho o personagem, mais evidente serão os traços racistas que irá demonstrar. No velho Dudley, o racismo expressado é mais ostensivo como no trecho: “A porta do apartamento do lado foi batida com força. Passadas resolutas soaram no corredor. ‘Deve ser aquele negro’, murmurou o velho Dudley” (O’Connor, 2008, p. 15), contudo quando analisado o comportamento da filha “Quer

¹⁵ No original: “Societies prescribe appropriate behaviors and obligations based on age. The second and third aspects of age relations speak more directly to issues of power and how and why such age-based organization matters for life chances. Old age not only exacerbates other inequalities but also is a social location in its own right, conferring a loss of power for all those designated as “old” regardless of their advantages in other hierarchies.”

dizer, o velho Dudley murmurou, que ele vai morar do seu lado? Ela deu de ombros. Ué, acho que sim. Mas cuide do que é da sua conta, ouviu? Não vá se meter com ele.” (O’Connor, 2008, p. 16), percebe-se que ela se sente incomodada com a presença do vizinho negro, mas entende, até certo ponto, que é normal brancos que convivem com negros no mesmo ambiente; observa-se, portanto, um racismo velado da filha, no qual o preconceito não fica evidente, mas está implícito pelos comportamentos e comentários dela.

Além disso, um outro viés a ser analisado através da idade é concepção de que pessoas mais velhas possuem um senso maior de sabedoria e poder, devido ao tempo em que viveu, assim

William Graham Sumner concluiu que nas primeiras sociedades primitivas as pessoas mais velhas eram valorizadas por sua experiência e conhecimento, que ajudaram as comunidades a prosperar ou, em circunstâncias adversas, sobreviver.¹ No entanto, os grupos nômades abandonariam os velhos e os deficientes se as circunstâncias ameaçassem a existência do grupo¹⁶ (AGEISM IN AMERICA, 2006, p. 17, tradução nossa).

Dessa forma, o velho Dudley sentia-se empoderado quando morava na fazenda, e como homem branco, usava seus privilégios para a manutenção desse poder. Porém ao se mudar para Nova York, com a saúde debilitada “Um dia ela o levou às compras, mas ele andava muito devagar.” (O’Connor, 2008, p. 13), o velho Dudley torna-se dependente, seja da filha que o abriga em seu apartamento, seja do vizinho negro que o ajuda a subir as escadas, seja do gerânio colocado todas as manhãs do peitoril da janela à frente.

2.3 Contraponto entre o interior e a cidade de Nova York

¹⁶No original: “William Graham Sumner concluded that in earlier and primitive societies older people were valued for their experience and knowledge, which helped communities thrive or, under adverse circumstances, survive.¹ Nonetheless, nomadic groups would abandon the old as well as the disabled if circumstances threatened the group’s existence.”

Com o passar da narrativa percebe-se a inquietação do velho Dudley em morar na cidade de Nova York. Na fazenda o velho Dudley detinha autoridade e poder, inerente à supremacia branca “Era o protetor das coroas. Era o homem da casa, fazendo tudo que em casa um homem tem de fazer.” (O’Connor, 2008, p. 11). Ao contrário do que acontecia na metrópole, ele estava preso em um apartamento que não lhe pertencia, solitário e dependente de outras pessoas.

Surge, então, a ambivalência entre esses dois locais: campo e cidade, sendo necessárias algumas pontuações. A primeira é a relação que pode-se entender entre passado e presente, onde o passado pode ser representado como os velhos costumes que, para aquela época, não eram considerados problemáticos, a exemplo do racismo praticado contra Rabie e do privilégio branco invisibilizado “Durante o dia porém havia Rabie, que morava no porão com Lutisha” (O’Connor, 2008, p. 12), depreende-se pelo trecho que a condição de vida do velho Dudley que morava na casa grande era diferente da de Rabie que morava no porão da casa.

Dessa forma, é possível relacionar a fazenda como uma casa grande, onde viviam os senhores brancos e que ostentavam e mantinham o poder através da exploração da mão-de-obra das pessoas negras, estabelecendo uma segregação racial que se perpetua até hoje em suas consequências sociais. E em contraponto consiste na simbologia do apartamento “O prédio, na primeira semana, o deixara aturdido” (O’Connor, 2008, p.13), que ao fazer uma analogia com o porão onde Rabie vivia, um local pequeno, com vários apartamentos aglomerados, que abrigavam muitas pessoas por metro quadrado e estas de diferentes classes, gêneros e raças. Na cidade grande o velho Dudley não conseguia manter seu poder, sua autoridade como fazia no interior; ele teria que conviver com as diferenças no mesmo espaço, e com isso surge o medo da perda de privilégio e o sentimento de invasão pelo ‘outro’.

Portanto, o contraponto analisado entre dois ambientes sugere o comportamento racista do velho Dudley. Enquanto que no interior evidenciava a superioridade branca, com a manutenção dos seus privilégios e a relação de dominação com Rabie, no apartamento em Nova York a situação se invertia, o personagem torna-se dependente, habita um local apertado e que precisa conviver com outras pessoas diferentes dele.

Ao final do conto, ao olhar para a janela o velho Dudley não via mais o gerânio, a sua única companhia desde que chegou em Nova York. Ao invés da planta havia um homem olhando diretamente para ele e logo pensou “Era o gerânio que

devia estar lá. O lugar era do gerânio, e não daquele sujeito.” (O’Connor, 2008, p. 21) e pergunta ao homem onde o gerânio está e acrescenta “ele é que tinha que estar, aí, e não você.” (O’Connor, 2008, p. 22).

Flannery O’Connor, no entanto, não racializa esse homem, não sabe-se de sua raça; porém pela forma em que o velho Dudley se dirige a este como “daquele sujeito” e “você não deveria estar aí” demonstra a insatisfação e a repulsa do personagem principal para com o sujeito, da mesma forma que tratava os personagens negros. O homem então fala que o gerânio havia caído no chão seis andares abaixo e o velho Dudley hesita em ir pegá-lo; até que relembra das escadas, do sentimento de passar mal e da garganta estourada, e a possibilidade reencontrar o vizinho negro no caminho, o que para ele seria inadmissível.

Outro ponto identificado é relacionado ao título do conto. Nas pesquisas realizadas, foram encontradas algumas informações que podem ser possíveis justificativas para a escolha da flor. O gerânio trata-se de uma flor de origem africana, que possui cores vibrantes e um perfume marcante.¹⁷ É possível associar a simbologia do gerânio a um espelho para o velho Dudley, pois ao olhar a planta ele relembra o passado, de Rabie, da fazenda e dos eventos do passado; ao mesmo tempo quando o gerânio quebra, pode indicar que os padrões racistas praticados pelo velho Dudley e que ainda fazem parte dele, não poderiam ser mais aceitos ou tolerados.

A simbologia da quebra do gerânio pode representar a fragmentação da realidade em que o velho Dudley vivia como homem branco, onde naquele momento ele percebe que o gerânio não existe mais, não o pertencendo mais. O sentimento de aprisionamento do corpo negro é decorrente da supremacia branca, podendo ser relacionado com a sensação de posse que o velho Dudley tinha em relação ao gerânio. Além disso, considerando-se que o vizinho seria uma pessoa negra, este alerta o velho Dudley para deixá-lo em paz e que não iria tolerar por mais tempo o velho Dudley olhando para a janela dele a todo tempo, coma intenção de vigiá-lo.

Portanto, é possível concluir que a simbologia do gerânio é parte importante ao entender a origem africana da flor, e a relação que o velho Dudley possui com esta. Para o personagem a flor tinha um sentimento de posse, como ocorria na fazenda com Rabie, como lhe pertencesse. Quando o gerânio se quebrou, o velho Duldey

¹⁷ Mais informações podem ser encontradas em:
<https://www.vivadecora.com.br/revista/geranio/#:~:text=Ger%C3%A2nio%20C3%A9%20de%20origem%20Africana,entre%20outras%20flores%20e%20plantas.>

ficou desnortado, significando que não teria mais com ele o objeto, além de significar que os padrões racistas foram fragmentados, e que as atitudes do passado cedendo lugar para as mudanças e para o novo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo de raça, especificamente sobre o recorte da branquitude, é desafiador. Através desse trabalho busquei analisar aspectos da branquitude e representações da negritude por meio do conto *O Gerânio* da escritora estadunidense Flannery O'Connor. Para isso, foi utilizada uma pesquisa majoritariamente bibliográfica, fundamentada em estudos e obras de autoras negras e brancas, para que fosse possível legitimar ambos os discursos acerca das questões abordadas. Além disso, o conceito de idadismo foi referenciado com o propósito de interseccionar outros aspectos caracterizadores dos personagens - como diferentes tipos de racismo e analisar o comportamento desses através da idade.

Inicialmente, considerou-se necessário introduzir o tema dentro do contexto dos anos 1960, quando ocorria o Movimento dos Direitos Civis, marco importante para a conquista de direitos pela e para a população negra. Este movimento proporcionou importantes mudanças no cenário racial estadunidense e, com isso, escritores contemporâneos da época preocupavam-se em relatar os acontecimentos da época. Isto posto, foi necessário inserir a autora Flannery O'Connor nesse contexto como uma escritora branca, que viveu na Geórgia, e que escrevia sobre o pós-segregação. Diante da análise realizada, pode-se constatar traços marcantes na escrita da autora, a forma como contextualiza o cenário, as características atribuídas aos personagens negros e brancos e como a idade reflete na conduta desses. Para além da narrativa, verificou-se a estrutura estilística do conto por meio da teoria de Ricardo Piglia (2004). Ao relacionar a teoria do *iceberg* defendida por Hemingway, foi possível enquadrar Flannery O'Connor como contista moderna, pois durante a narrativa, a autora expõe a história de forma que leitores e leitoras deduzam as questões envolvidas, principalmente em relação ao desfecho do conto.

Baseado nas autoras utilizadas no referencial teórico é possível concluir sobre o conceito de branquitude - a partir de Peggy McIntosh, Cida Bento, Reni Eddo-Lodge e Ijeoma Oluo - como um sistema supremacista branco, que inclui relações de dominação entre pessoas brancas que visam manter seus privilégios. A manutenção do poder branco deve-se ao fato da opressão racial contra as pessoas de cor, caracterizando o racismo que estrutura a sociedade e que está presente em atitudes do cotidiano e na representação racial nas instituições, como afirma Grada Kilomba. Além disso, foi possível concluir que idadismo se relaciona com o preconceito

referente à idade, e a partir das autoras Toni Calasanti e Kathleen Slevin pode-se demonstrar a importância do uso do termo na literatura a fim de entender as opressões hierárquicas que perpassam a idade.

A análise do conto dividiu-se em duas seções, a primeira sobre raça e a segunda sobre idade. Dessa forma, o conto foi analisado a partir do conceito de branquitude na primeira seção, para discussão das consequências da neutralidade e da não racialização desse conceito, além de tentar responder três perguntas chave: 1. De que forma a branquitude reflete as consequências do racismo estrutural; 2. Como os personagens do conto são racializados (ou não) e de que forma isso reflete seus atos e diálogos, e 3. De que modo a idade interfere (ou não) nas atitudes discriminatórias do personagem velho Dudley. Portanto, a branquitude é um vetor ativo na perpetuação do racismo, onde atitudes evidenciadas ou veladas de pessoas brancas ainda causam a estruturação do preconceito racial. Além disso, ao analisar aspectos teóricos com o conto, foi capaz de identificar que os personagens brancos não são racializados, ao contrário dos negros que são especificados durante a narrativa. Dessa discussão surgiu o questionamento da forma racista em que Flannery O'Connor escreve, depreendendo que a escolha da autora ao não racializar alguns personagens demonstra como ela percebe a raça branca, universal e não marcada. No terceiro ponto, ao discutir o idadismo interseccionalmente com raça foi possível constatar que a idade reflete o modo de externar o racismo dos personagens. Enquanto no personagem mais velho o preconceito é mais visível, o que é remetido no apego ao passado, na personagem mais nova há um racismo velado, prática frequente nos dias atuais.

Discutir sobre branquitude é comprovar o efeito negativo gerado na população negra ano após ano, geração após geração. Pontuar os acontecimentos nas cenas do conto através da perspectiva branca é necessário para compreender a dimensão do impacto gerado pela branquitude que permeia esse ciclo escravocrata e sustenta essa relação desigual até hoje. Dessa forma, reconhece-se, portanto, as consequências advindas da invisibilidade da branquitude com relação ao personagem velho Dudley à medida que este demonstra comportamentos racistas com Rabie e o vizinho negro, inclusive asseverando uma postura ostensiva ao se dirigir àqueles.

Além disso, detectou-se a postura racista da autora, devido a análise de uso de escolhas estilísticas durante a narrativa, principalmente no tocante à forma de caracterizar os personagens. Enquanto os personagens brancos não são racializados

e mantém uma postura de superioridade, os negros são marcados pela cor da pele e pelo comportamento de assistência, conceituando o negro mágico. Assim, o sistema opressor branco é responsável pela opressão racial que possui consequências na sociedade atualmente, e opera de forma cruel para com a população negra. Analisar, pois, um conto fictício do ano de 1946 e conseguir identificar traços de supremacia branca que causam o preconceito racial, é compreender o quanto é atemporal a escrita de Flannery O'Connor, ao descrever o racismo e o privilégio branco.

Na segunda seção foi possível relacionar os conceitos de raça e idade, depreendendo que as condutas racistas do velho Dudley e da filha tem relação com a idade dos personagens. Afirma-se, assim, que a idade possui uma relação intrínseca com as atitudes dos personagens ao passo que quanto maior a idade do personagem, mais os traços racistas são evidentes; a filha, no entanto, demonstra um racismo velado, que não é demonstrado de forma explícita mas que ocorre implicitamente.

Com a ascensão de luta e conquistas por direitos e igualdade da população negra nos anos 1960 fruto do Movimento dos Direitos Civis, esse conto demonstra o resultado da manutenção da hierarquia branca nas pessoas de cor. Portanto, analisar uma história fictícia a partir da ótica de uma escritora branca e sulista é reconhecer o sistema opressivo pelo qual a raça branca participa e é responsável. A autora é cirúrgica e minuciosa ao enunciar a cada diálogo, e cada cena da narrativa a mácula em que a branquitude é deixada na população negra, mesmo durante o começo da ascensão por uma sociedade mais igualitária.

Como uma possibilidade de continuação de pesquisas sobre branquitude e literatura na obra de Flannery O'Connor, motivo-me na intenção de ampliar e aprofundar os estudos de sua obra, em especial através de suas cartas, a fim de compreender um pouco mais sobre suas intenções ao escrever sobre o momento pós-segregacionista estadunidense como pessoa branca, e em colaboração com a crítica feminista como base fundamental das argumentações.

REFERÊNCIAS MENCIONADAS

AGEISM in America. **International Longevity Center - USA**, 2006.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **O Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CALASANTI, Toni M. e SLEVIN Kathleen F. **Age Matters: Re-Aligning Feminist Thinking (English Edition)**. Routledge; 1ª edição, 11 de outubro de 2013.

EDDO-LODGE, Reni. **Why I'm No Longer Talking to White People About Race**. Bloomsbury Circus; 1st edition, 2017.

ELIE, Paul. How Racist Was Flannery O'Connor. **The New Yorker**, 15 de Junho de 2020. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/magazine/2020/06/22/how-racist-was-flannery-oconnor>>. Acesso em: 08 de nov. de 2022.

HOOKS, bell. **Representação da Branquitude na Imaginação Negra. Olhares Negros: Raça e Representação**. Editora Elefante, tradução: Stephanie Borges, 23 de maio de 2019.

KAI, Maiysha. Todos nós poderíamos servir para ser menos pacientes negros': The Root Presents: It's Lit! Fala sobre raça com Ijeoma Oluo. **The Root**, 23 de out. de 2020. Disponível em:

<<https://www.theroot.com/we-could-all-serve-to-be-less-patient-black-people-the-1845463842>>. Acesso em: 10 de julho de 2022.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução: Jess Oliveira. Editora Cobogó; 1ª edição, 2019.

MCINTOSH, Peggy. **White Privilege: Unpacking the Invisible Knapsack**, 1989.

O'CONNOR, Flannery. **O Gerânio. F. O'Connor Contos Completos**. Tradução: Leonardo Fróes. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

OLUO, Ijeoma. **Então você quer conversar sobre raça**. Tradução: Nina Rizzi. BestSeller; 1ª edição, 2020.

PIGLIA, Ricardo. **Formas Breves**. Tradução: José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

RAY, Rebecca. O que é um personagem de folha?. **StoryboardThat**. Disponível em: <<https://www.storyboardthat.com/pt/articles/e/personagem-de-folha>>. Acesso em: 05 de nov. de 2022.

RELATÓRIO mundial sobre o idadismo: resumo executivo. **Organização Mundial da Saúde**, 18 de março de 2021. Disponível em: <<https://www.who.int/pt/publications/i/item/9789240020504#:~:text=O%20idadismo%2C%20que%20%C3%A9%20o,causar%20preju%C3%ADzos%2C%20desvantagens%20e%20injusti%C3%A7as.>>. Acesso em: 13 de jul. de 2022.

SOTAQUE: Um trimestre de Nova Literatura. **Índice de Revistas Modernas**. Disponível em: <<https://modernistmagazines.org/american/accent-a-quarterly-of-new-literature/#1464124281502-9e535a72-b353dcf4-e9a3f857-4de2cbb8-fb24>>. Acesso em: 25 de out. de 2022.

SUPREMACIA BRANCA. In: **Merriam-Webster.com Dictionary**. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/white%20supremacy>>. Acesso em 24 de agosto de 2022.

TOSI, Bruna. Gerânio: Como Cuidar, Tipos +48 Cores Lindas para Plantar no seu Jarim. **VivaDecoraBlog**, 11 de agosto de 2011. Disponível em: <<https://www.vivadecora.com.br/revista/geranio/#:~:text=Ger%C3%A2nio%20%C3%A9%20de%20origem%20Africana,entre%20outras%20flores%20e%20plantas>>. Acesso em: 11 de nov. de 2022.

4 ESTEREÓTIPOS Racistas que Hollywood Precisa Parar de Usar. **Portal Geledés**, 23 de janeiro de 2016. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/4-estereotipos-racistas-que-hollywood-precisa-parar-de-usar/>>. Acesso em: 29 de out. de 2022.